

A Semana

Brasil: não há vagas

O desemprego não cede. A taxa medida pelo IBGE entre fevereiro e abril ficou em 12,9%. Em um trimestre, o total de ocupados caiu 1,1%, ou seja, 969 mil trabalhadores foram para a rua no período. “Há uma falta de força no mercado de trabalho para estimular as contratações”, explicou Cimar Azeredo, do IBGE. Em bom português, a coisa vai de mal a pior.

Memória/ O adeus do combatente

Morre Audálio Dantas, que liderou o Sindicato dos Jornalistas de SP no período mais sinistro da ditadura



Jornalista e escritor, Dantas é autor de best sellers inesquecíveis

Valoroso repórter e talentoso escritor, Audálio Dantas morreu na quarta-feira 30, aos 88 anos, vítima de câncer. Há três anos o jornalista lutava contra a doença, inicialmente alojada no intestino, mas que se espalhou para outros órgãos. Desde abril, ele estava internado no Hospital Premiê, em São Paulo, onde faleceu.

Alagoano de Tanque D’Arca, Audálio começou a carreira em 1954, como repórter do jornal *Folha da Manhã*, hoje *Folha de S. Paulo*. Depois, trabalhou para diversas publicações, entre elas as revistas *O Cruzeiro*, *Quatro Rodas*, *Veja* e *Realidade*. Em 1958, durante uma reportagem na Favela do Canindé, descobriu os diários de Carolina de Jesus e, após organizá-los, convenceu a editora Francisco Alves a publicar o livro *Quarto de Despejo* em 1960, que não tardaria a se tornar um *best seller*.

“Entre outros méritos, Audálio foi um excepcional líder e presidente do Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo, no período mais sinistro da ditadura”, recorda o amigo Mino Carta, diretor de redação de *CartaCapital*. Em 1975, ano da morte de Vladimir Herzog nas masmorras do DOI-Codi, Dantas foi um dos primeiros a contestar a versão de suicídio, falseada pela ditadura, e participou da organização de um ato ecumênico na Praça da Sé, oficiado por dom Paulo Evaristo Arns, que denunciou o assassinio.

“Ele conseguiu o feito de reunir milhares de cidadãos, a despeito dos bloqueios militares e das armas de agentes da Polícia Federal apontadas contra a multidão. Fará uma falta enorme, para mim e para o País”, emenda Mino. Por sua combativa atuação, Dantas foi agraciado com o Prêmio de Defesa dos Direitos Humanos das Nações Unidas, em 1981.



O que Meurer vai dizer agora lá em Francisco Beltrão?

Lava Jato/ MEURER SANGRA ATÉ O FIM

O STF CONDENA O DEPUTADO QUE DEFENDEU CUNHA E VOTOU PELO IMPEACHMENT

O deputado federal Nelson Meurer personifica a trupe de interessados em “estancar a sangria” da Lava Jato, com o “Supremo, com tudo”, segundo o intento de Romero Jucá. O paranaense do PP presidiu o Conselho de Ética da Câmara e foi um dos nove parlamentares a votarem contra a cassação de Eduardo Cunha. Meurer protagonizou, por outro lado,

um daqueles arroubos “patrióticos” no *impeachment* de Dilma Rousseff: “Pela minha família, pelo meu querido município de Francisco Beltrão, pelo meu querido sudoeste do Paraná e pelos meus eleitores do meu estado, digo sim”.

A sangria de Meurer não foi estancada. Na terça-feira 29, o deputado tornou-se o primeiro político condenado

no Supremo Tribunal Federal no âmbito da Operação Lava Jato. Por unanimidade, a Segunda Turma da Corte condenou-o a 13 anos, 9 meses e 10 dias de prisão pelos crimes de corrupção passiva e lavagem de dinheiro. O paranaense poderá recorrer em liberdade. Os ministros do STF ainda vão julgar mais oito inquéritos que envolvem parlamentares.



6.6.18

Itália/ Para sossego da UE, por ora

O presidente rejeita Savona na Fazenda e convoca um governo temporário

Pela primeira vez na história da República italiana, o presidente veta um governo da maioria depois de ter aceito a indicação do novo premier. A decisão de Sergio Mattarella não transcende seus poderes constitucionais, mas atende claramente aos interesses da União Europeia, ameaçada pela presença de Paolo Savona na Fazenda, economista respeitado e desde sempre a favor da revisão do Tratado de Maastricht, que impõe ao continente uma ditadura alemã prontamente secundada pela França.

O presidente da República agiu em proveito do sossego momentâneo do europeísmo neoliberal, e nomeou para a chefia de um governo tecnocrático de transição um ex-alto funcionário do FMI, Carlo Cottarelli, conhecido como “o senhor tesouras”, por seu talento de cortar despesas. Antes Mattarella expusera as suas razões e de uma assustada UE: Savona representaria um grave risco para a economia da Itália e das famílias italianas.

A situação carrega-se de incógnitas, enquanto Cottarelli escolhe futuros ministros, e a primeira dúvida diz respeito ao comportamento do Parlamento, onde os vencedores das eleições contam com a maioria tanto na Câmara quanto no Senado e têm, portanto, condições de remeter o time recém-formado para os chuveiros. Vale

observar, porém, que um novo pleito deve ser convocado, entre o final de julho e o de setembro, e poderia ser conveniente deixar que o governo tecnocrático preencha o buraco no aguardo das urnas.

Por alguns dias, Liga e Movimento 5 Estrelas pareceram ir às turras, mas a paz já estaria restabelecida, de sorte que existe a forte sensação de que Mattarella faz um favor aos dois partidos, cotados para uma vitória mais expressiva. A Liga de Matteo Salvini, de 17% das intenções de voto antes das eleições, cresceu nestes dias para 20%. O comissário europeu do Orçamento, o alemão Gunther Oettinger, disse que os mercados poderiam “ensinar os italianos a votar”, e logo o presidente da Comissão da UE, Jean-Claude Juncker, revidou: “A Itália não pode depender das injunções que venham a lhe ser impostas pelos mercados”. Ao cabo, Oettinger pediu desculpas.

Certeza quanto à dívida de Roma, de 2,3 trilhões de euros, inferior somente à da Grécia. Certo também o retorno de Silvio Berlusconi à política, liberado pela Corte Constitucional ao considerar cumprida a pena imposta com sua cassação. Lustroso e sorridente, já anuncia o propósito de voltar a governar, mas também é certo que se ilude. Mesmo recomposta a coligação reacionária, Salvini é seu líder incontestado.

Antes tarde do que nunca

Em um mundo de intolerâncias cada vez mais sufocantes, a Irlanda proporcionou um sopro de ar fresco: no plebiscito da sexta-feira 25, 66,4% dos votos válidos aprovaram a descriminalização do aborto, cuja regulamentação ficará a cargo do Parlamento. O papa Francisco, com viagem marcada para a Irlanda em agosto, preferiu não comentar, mas é visível o desprestígio da Igreja Católica, resultado dos inúmeros escândalos sexuais revelados desde os anos 1990. Além da pequena ilha de Malta, o único lugar da Europa Ocidental onde o aborto é ilegal passará a ser a Irlanda do Norte – e a primeira-ministra Theresa May não permitirá a seu Parlamento tirá-la do atraso, pois a sobrevivência de seu governo depende do apoio do Partido Unionista Democrático, fundamentalista protestante.

O premier interino é um ex-funcionário do FMI



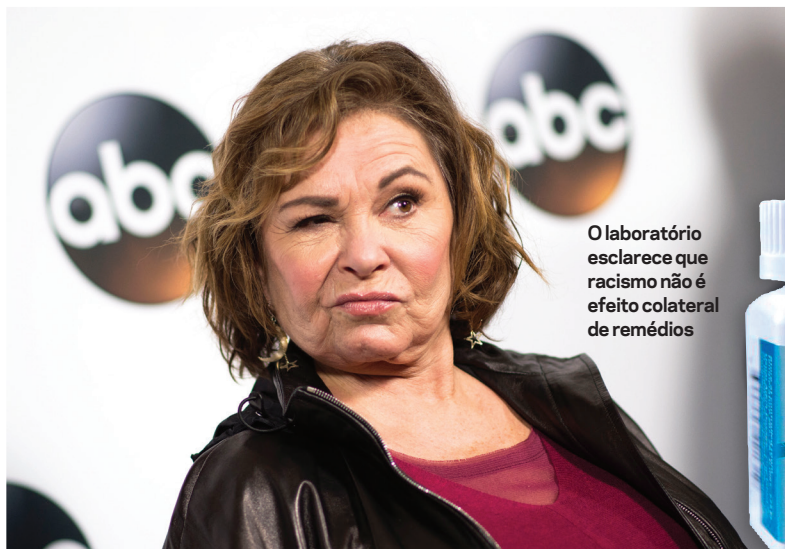
OLGA VLAHOU, PAOLO GIANDOTTI/AFP E LUCIO BERNARDO JR



A Semana

Tiro de guerra

Ao falar no fórum da OCDE na quarta-feira 30, o secretário do Comércio dos EUA, Wilbur Ross, advertiu a União Europeia de que serão impostas tarifas ao aço europeu a partir de 1º de junho e não deveriam ameaçar suspender conversações porque “a China paga tarifas desde março e não usa isso como desculpa para não negociar”. Bruxelas, que anunciara que desistiria de buscar um acordo se Donald Trump não retirasse essa ameaça, preparou um pacote de medidas, a começar pela taxa de produtos cujas importações dos EUA hoje somam 6,4 bilhões de euros anuais. As represálias mútuas entre as duas maiores potências capitalistas auguram o esfacelamento da OMC e uma era de deterioração do comércio e da economia que, como advertiu Emmanuel Macron no mesmo fórum, lembra os anos 1930.



O laboratório esclarece que racismo não é efeito colateral de remédios



EUA/ O sucesso não perdooa tudo

Quem diria: até campeões de audiência precisam respeitar o próximo

A veterana comediant Roseanne Barr estava no auge: sua série cômica *Roseanne*, sucesso dos anos 1990, retornara como campeã de audiência, distinção que sua rede ABC não tinha há 18 anos. O sucesso subiu à cabeça da atriz que, fã de Donald Trump e elogiada pelo presidente, disparava no Twitter contra desafetos de seu ídolo. Após tachar de ex-nazista o bilionário judeu George Soros, passou dos limites ao atacar Valerie Jarret, ex-assessora negra de Obama, nascida quando os pais trabalhavam no

Irã, como “cruzamento de Irmandade Islâmica com Planeta dos Macacos”.

A ABC – cuja presidenta, Channing Dungey, é negra – imediatamente cancelou a série. Aflita, a atriz alegou ter tuitado sob o efeito do sonífero Ambien (Tartarato de Zolpidem), mas o fabricante, o laboratório Sanofi, foi impiedoso: “Racismo não é um dos efeitos colaterais conhecidos de nossos medicamentos”. Foi-se o tempo em que tiradas racistas em público passavam impunes – a menos, é claro, que seu autor seja o presidente dos EUA.

Espanha/ UMA CRISE NUNCA VEM SOZINHA

MADRI SOMA-SE A ROMA PARA CRIAR INCERTEZA SOBRE A UNIÃO EUROPEIA

Após a condenação de empresários, de políticos do conservador Partido Popular e do próprio partido por um vasto esquema de corrupção, o líder do PSOE, Pedro Sánchez, decidiu pôr em votação uma moção de desconfiança a ser debatida e votada em 31 de maio e 1º de junho. A sentença foi a gota d’água para fragilizar o

governo já enfraquecido pela insatisfação com a economia, pela crise catalã e pela renúncia de Cristina Cifuentes, governadora de Madri. A virtual sucessora de Mariano Rajoy foi apanhada como ladra de supermercado em vídeo divulgado nas redes e como embusteira pela falsificação do título de mestrado.

Não só o PSOE como mais

ainda o Podemos e os regionalistas têm todos os motivos para querer ver Rajoy pelas costas. Cabe ao partido neoliberal Ciudadanos dar o golpe final: desconfia das esquerdas, mas está disposto a apoiar a moção em troca de eleições antecipadas – o derretimento do PP lhe dará o voto conservador e provavelmente o governo.



Sánchez está disposto a dar o xeque-mate em Rajoy

VALÉRIE MACONIAFFE PIERRE-PHILIPPE MARCOU/AFP